

Jerusalém: percurso histórico e simbólico

Ivan Esperança Rocha*

Resumo – Algumas cidades exigem critérios específicos de análise para que se possa compreender seu significado histórico, social, político e simbólico. Na Antiguidade, isto se aplica um dos centros urbanos mais conhecidos e importantes: Jerusalém. Teve seu auge com Salomão que nela construiu seu renomado templo, cuja área ganhou um novo significado com a construção da famosa mesquita de Omar. Palco dos principais eventos da história de Israel, atraiu a atenção de invasores que a depredaram em diferentes momentos. Um de seus momentos cruciais é quando se torna o centro da guerra dos judeus e romanos narrada por Flávio Josefo, ocasião em que o templo é destruído por grande incêndio. Com a criação do Estado de Israel, a cidade volta a ser objeto de disputa, agora por judeus e palestinos que a consideram seu centro político e simbólico.

Palavras-chave: Jerusalém, Palestina, Oriente, Judeus, Muçulmanos.

Jerusalem: a symbolic and historical trail

Abstract – Some cities demand specific approaches to understand its historical, social, political and symbolic meaning. In the Antiquity, this is applied to one of the most known and important urban centers: Jerusalem. Reached its acme with Salomon that built his renowned temple, whose area got a new meaning with the construction of the great mosque of Omar. Field of the main events of the history of Israel attracted the attention of invaders that depredated it in different moments. One of its crucial moments is certainly when it becomes the center of the war between Jews and Romans narrated by Flavius Josephus, occasion in that the temple was destroyed by a great fire. With the creation of the State of Israel, the city become again object of dispute, now engaging Jews and Palestinian that consider Jerusalem its political and symbolic center.

Key-Words: Jerusalem, Palestine, Middle East, Jews, Muslims.

Introdução

O estudo sobre as cidades antigas produziu obras clássicas, particularmente, no que diz respeito à Grécia e Roma². O mesmo não se pode dizer do Oriente; talvez pela exigüidade de fontes a respeito ou simplesmente pelo interesse e afinidades culturais

*Docente da Unesp - Assis

dos pesquisadores. É claro que a noção geral de cidade-estado³ pode ser, em parte, aplicada a muitas cidades orientais, mas isto não é suficiente para compreendê-las em suas especificidades.

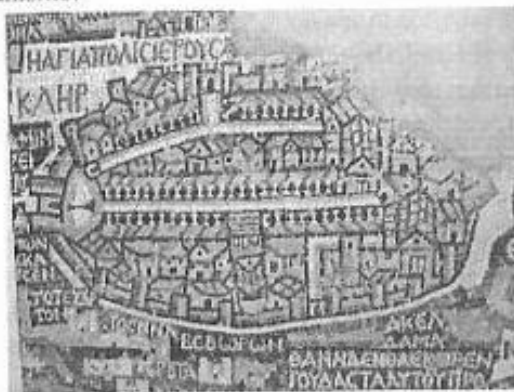
Nossa proposta neste estudo não é enveredar pelo caminho da história urbana, nem nos definir com relação às suas tendências⁴ mas apresentar o percurso histórico-simbólico da cidade de Jerusalém.

A história de Jerusalém soma um impressionante volume de fatos que faz dela um dos centros urbanos mais importantes e conhecidos da Antigüidade e da atualidade, sendo considerada uma cidade-símbolo não apenas para os judeus mas também para os cristãos e muçulmanos⁵.

1. Percurso histórico

A arqueologia atesta a presença humana em Jerusalém desde o 4º milênio a.C. (Burrows, 1962, p. 846), porém, é nos *Textos de Execração* egípcios dos séculos 19 e 18 a.C. que seu nome aparece pela primeira vez, numa forma equivalente a Urushalim. Nas Cartas de Amarna (séc. 14 a.C.) aparece como Urusalim e, posteriormente, nos textos assírios como Urusilimmu. O texto hebraico massorético indica a leitura yerushalayim, enquanto que o aramaico traz yerushalem, transliterado pela LXX com Ierusalém. (Idem, p. 843), que se tornou o nome corrente da cidade: JERUSALÉM.

O nome é uma composição de yerû+shalem, com o significado de fundação (do deus) Shalem (= aquele que leva à perfeição; "estrela que completa o dia") (Gesenius, 1976, 436), portanto um lugar onde existia, originalmente, um templo ou uma edificação qualquer dedicada ao deus Shalem. Ele aparece 623 vezes no AT e 141 no NT e 44 vezes (AT) ligado ao nome Sião⁶, o que demonstra sua importância tanto para o judaísmo como para o cristianismo.



Mosaico com representação de Jerusalém, aprox. 600 a.C.⁷

Jerusalém entra para a história israelita no final do período exodal (séc. XII a.C.), quando ela é tomada violentamente por Josué que mata seu rei, Adonisedec, e massacra seus habitantes, os jebuseus (Js 10,1-5). Contudo a incorporação definitiva da cidade pelos judeus só acontece com Davi (aprox., 1010-970 a.C.) que derrota, pela segunda vez, os jebuseus e que passa a denominar Jerusalém "Cidade de Davi" (2 Sm 5,7a; 1 Cr 11,4-9), transferindo para aí sua capital, antes situada em Hebron.

Davi modificou muito pouco a cidade conquistada, construindo nela apenas uma casa e um muro ao seu redor (2 Sm 5,9-12), levando para lá a arca da aliança que antes estava em Silo (2 Sm 6,1-12).

No período salomônico (aprox., 970-931 a.C.) são construídos o palácio real e o templo (1 Rs 6;7), duas obras mirabolantes que geram gastos fabulosos. A ausência de tradição arquitetônica faz com que Salomão sele uma parceria com os construtores de Tiro (1 Rs 5,15-20) e Gebal (1 Rs 5,32), valendo-se da corvéia (Bright, 1981, p.292) para recrutar operários em todo o território de Israel (1 Rs 5,27). Dessa forma, Jerusalém torna-se o maior canteiro de obras da Palestina. A mão-de-obra especializada externa é paga em víveres produzidos pelos israelitas (1 Rs 5,23) o que aumenta ainda mais o peso de seu trabalho, uma vez que, além da corvéia, já sustentam os enormes gastos da corte.



Vista aérea de Jerusalém⁸.

O reino do Norte — Israel — e aquele do Sul — Judá —, unidos durante o reinado de Salomão, com sua morte voltam a se separar. Um dos principais motivos é a carga fiscal imposta por Jerusalém (Idem, p. 304). Assim a partir de 922 a.C., os judeus passam a ter dois reis. Jerusalém sedia os monarcas de Judá.

Jerusalém torna-se alvo de invasões de povos vizinhos que esvaziam repetidas vezes os cofres do palácio real e do templo (1 Rs 14,25-26; 2 Rs 12,17-18) e que, geralmente, escraviza parte da população. Após cada invasão, o povo é convocado para repor as perdas.

Somam-se aos problemas externos a corrupção e a violência internas. O autor do livro das Crônicas atribui a Manassés (687-642 a.C.) atos sanguinários contra seu próprio povo (2 Cr 21,16). Períodos de extrema violência são, às vezes, seguidos de outros de reequilíbrio, com aquele atribuído a Josias (640-609 a.C.), neto de Manassés.

Com a entrada em cena do rei da Babilônia, a história de Israel inicia uma nova etapa. Durante os reinados de Joaquim (609-598 a.C.) (2 Rs 24,8-14) e Sedecias (598-587 a.C.) (2 Rs 25,7-17), Nabucodonosor ataca e arrasa uma grande parte das cidades israelitas e, principalmente, Jerusalém saqueando e incendiando o palácio e o templo. Milhares de israelitas morrem nos campos de batalha, de fome ou de doença (Lm 2,11ss.19-21; 4,9ss), outros são executados (2 Rs 25,18-27) e um grande número de prisioneiros é levado para Babilônia (Bright, p. 464).

Depois do Egito, Babilônia é o segundo grande exílio do povo judeu. O retorno acontecerá em 538, quando o povo é beneficiado com um edito de Ciro que inclui a reconstrução do templo e a posse de todos os utensílios que tinham sido retirados do templo (Esd 1,10) (Idem, p. 292). No período pós-exílico, Israel praticamente perde sua soberania política e Jerusalém torna-se apenas um centro religioso (Fohrer et al., 1979, v. 12, col. 287).

Após a conquista e morte de Alexandre, o Grande (323 a.C.), a Palestina é dominada pelos Ptolomeus do Egito durante quase um século. Em 198 a.C., ela passa para o domínio selêucida. Sob seu representante, Antíoco IV Epifanes (175-163 a.C.), a pressão da cultura helênica fica insuportável. Ele chega até mesmo a proibir a prática do judaísmo e dedica o templo de Jerusalém a Zeus Olímpio (1 Mc 1,41-64; 2 Mc 6,2-5) gerando sérios ressentimentos na sociedade israelita. Tudo isso provoca a revolta dos Macabeus (1 Mc 2,1s), iniciando-se uma luta armada. Para combatê-los, Antíoco promove um massacre, incendeia a cidade, saqueia o templo e amplia a influência helênica sobre os judeus (Burrows, p. 857).

Em 163 a.C., Judas Macabeu, aproveitando o envolvimento de Antíoco com os persas (1 Mc 3,27-37) derrota os selêucidas, entra em Jerusalém, purifica o templo (1 Mc 4,41) e reconstrói os muros da cidade (v.60). Um século mais tarde, a Palestina e sua capital caem nas mãos dos romanos. Nesse período Jerusalém ganha novas construções. Aquelas de Herodes (37-26 a.C.) chegam a rivalizar com as de Salomão em magnificência. O atual "Muro das Lamentações" é parte de um muro por ele construído.

A corrupção e o desrespeito às tradições e aspirações judaicas marcam a presença romana na Palestina o que estimula a formação de grupos hostis que começam a ser combatidos. O atrito cresce até que, em 70 d.C., acontece o embate final entre romanos e judeus narrado por Flávio Josefo em a *Guerra Judaica*.

Flávio descreve, com detalhes, o impressionante esforço dos judeus para repelir o ataque romano. Tito, que inicialmente queria poupar o templo, não consegue deter seus soldados irados pelas baixas sofridas (Schürer, 1979, v. 1, p.506). O templo é incendiado e passa-se ao fio da espada um grande número de judeus, incluídos velhos e crianças.

Após a derrota de Jerusalém, os judeus ainda tentam uma última cartada contra os romanos em Massada, às margens do Mar Morto, resistindo até 73 a.C., ano em que o general romano Silva consegue penetrar na fortaleza. Desta vez, no entanto, os romanos pouco fazem pois encontram tudo incendiado e quase todos os revoltosos mortos num suicídio coletivo.

Quanto a Jerusalém, depois de sua destruição em 70 d.C., só será reconquistada pelos judeus em 1967.

2. Percurso simbólico

O ardor expresso na defesa de Jerusalém apóia-se no seu valor para o povo judeu. Apenas destruída pelos romanos, Jerusalém reassume seu significado simbólico que tinha marcado o período do exílio babilônico. A cidade fortificada, construída sobre a rocha do monte Sião, adquire uma conotação de lugar de segurança material e psicológica para o povo judeu. A reconstrução de Jerusalém continua a ser um símbolo da reconstrução de Israel também durante o longo período de 1897 anos (de 70 a 1967 d.C.) de diáspora. A idéia básica do sionismo é a volta ao monte Sião sobre o qual Jerusalém foi construída (Wright et al., 1973, p. 1742).

O principal apoio deste movimento simbólico é buscado nos escritos dos profetas pós-exílicos que se, de um lado, são incansáveis críticos das causas internas do desmoronamento de Jerusalém, de outro, são os responsáveis pelas imagens simbólicas com que a cidade de Jerusalém é revestida. Isaias é um dos mais criativos nesse sentido. Utilizando uma linguagem com fortes características messiânicas e escatológicas, ele estimula o povo a mentalizar a reconstrução de Jerusalém como o símbolo da reconstrução da nação israelita, e como uma realidade iminente:

'Põe-te em pé, resplandece, porque
a tua luz é chegada,
a glória de Javé raiu sobre ti...
Os teus filhos vêm de longe...

O teu coração estremece e se dilatará
 porque as riquezas do mar afluirão a ti,
 a ti virão os tesouros das nações...
 Todos virão de Sabá,
 trazendo ouro e incenso
 e proclamando os louvores de Javé...
 Estrangeiros reedificarão os teus muros
 e os seus reis te servirão...
 Os filhos dos teus opressores se dirigirão a ti humildemente;
 prostrar-se-ão aos teus pés todos os que te desprezavam,
 e te chamarão "Cidade de Javé",
 "Sião do Santo de Israel."
 Em vez de seres abandonada e odiada,
 sem pessoa que passe pelo meio de ti,
 farei de ti um eterno motivo de orgulho,
 um motivo de alegria, de geração em geração...
 Farei da Paz a tua administradora,
 e da Justiça a tua autoridade suprema.
 Na tua terra não se tomará a falar em violência,
 nem em devastação e destruição nas tuas fronteiras.
 Aos **teus muros** chamarás "Salvação"
 e às **tuas portas** "Louvor"....
 Eu, Javé, no tempo próprio apressarei a realização destas coisas
 (Is 60,1.4.5.6.10.14.17.22)⁹.

Este texto que, na verdade, é quase que uma síntese do pensamento israelita, além da imagem simbólica da reconstrução de Jerusalém expressa também a idéia da universalidade dos valores judaicos ("a ti virão os tesouros das nações", "todos virão de Sabá, trazendo incenso", "estrangeiros reedificarão os teus muros e os seus reis te servirão"). Este mesmo texto de Isaias será utilizado pelo NT para apresentar a universalidade do cristianismo (Mt 2,11).

A importância para os judeus pode ser reforçada pelo peso que a destruição de Jerusalém pelos romanos teve no episódio do suicídio coletivo do grupo de Eleazar na fortaleza de Massada. Para ele, sem Jerusalém, sem o santuário destruídos e principais símbolos da nação, não vale mais a pena viver para qualquer judeu. (Guerra VII, 375-377).

Diante da histórica falência na construção política de Jerusalém representada tanto pelo exílio babilônico como pelo domínio romano, cria-se uma imagem escatológica e

messiânica com o objetivo de manter o povo coeso na diáspora e que é alimentada até o momento em que se torna novamente possível a reconstrução material da cidade. No entanto, mesmo com a possibilidade da reconstrução material da cidade e da nação não se desfaz o sentido da imagem escatológica de Jerusalém. Alguns grupos judaicos continuam a defender que a reconstrução de Jerusalém só será concretizada com a ação de um messias que ainda deve vir, enquanto que para o NT, Sião-Jerusalém é símbolo da fortaleza escatológica na qual estão ao seguro os 144.000 que trazem o sinal de pertença a Deus e ao cordeiro (Ap 14,1). A nova Jerusalém (v. 21) não é uma cidade terrena, mas aquela que virá dos céus enviada por Deus, ou seja, Jerusalém torna-se o símbolo da realização escatológica do Reino de Deus.

Conclusão

Para conhecer Jerusalém não basta buscar apenas informações históricas, pois se trata de uma cidade que também possui fortes características simbólicas. Por ter sido o principal centro político, econômico e religioso israelita, toda vez que ela é alvo de alguma violência, toda a nação sente-se atingida. O templo de Jerusalém tem um peso muito grande nesse simbolismo.

Como vimos, o custo da implementação de uma estrutura urbana do porte de Jerusalém foi muito alto para um país com uma economia essencialmente rural e com características geográficas bastante adversas para a produção agrícola. As críticas veementes dos profetas baseiam-se principalmente no custo social desta estrutura, aumentada e muito pela corrupção. Além do mais, a posição de destaque de Jerusalém fazia dela um alvo de constantes invasões e saques que exigiram inúmeras reconstruções e reposições monetárias por parte da população, que além das taxas normais via-se sempre envolvida com sobretaxas criadas pela administração central.

Mesmo quando deixa de ser a capital única de Israel, Jerusalém não perde sua posição de referência tanto interna como externamente. Quando o reino do norte e do sul vão para o exílio, a imagem da volta e da reconstrução é sempre centrada em Jerusalém. Por maior que tenha sido o peso de sua manutenção ela nunca deixou de ser o símbolo da nação israelita.

Quando Israel se desespera frente à possibilidade da realização histórica das promessas bíblicas de tornar-se uma grande e poderosa nação entre as nações e quando este desespero aumenta com o exílio babilônico ou a diáspora forçada pelos romanos, a expectativa da Jerusalém restaurada constitui o principal fator de coesão e de reorganização sócio-política.

Atualmente, mesmo com a volta dos judeus para Israel, Jerusalém continua a ser considerada um símbolo exaustivamente utilizado para promover a continuidade da "repatriação". De fato, a base do sionismo nada mais é que a volta ou a aliyá (subida) ao monte Sião onde está edificada a cidade de Jerusalém. No entanto, o valor simbólico da cidade é reivindicado também por cristãos e muçulmanos por aí se encontrarem locais e símbolos por eles considerados sagrados como é o caso principalmente do Santo Sepulcro e da Mesquita de Omar ligada a uma pretensa presença de Maomé na cidade. Em 29 de agosto de 1996¹⁰, Arafat lembrava que uma batalha pela exclusividade de Jerusalém por parte dos judeus não é mais possível e que este seria um enorme empecilho para a paz.

Bibliografia

A BÍBLIA DE JERUSALÉM, S.Paulo: Paulinas, 1985.

BRIGHT, J. *História de Israel*. Trad. Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1981.

BURGUIÈRE, A. *Dicionário das Ciências Históricas*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BURROWS, M. Jerusalém. In: BUTTRICK, G.A. (ed). *The Interpreters Dictionary of the Bible*. Nashville: Abingdon Press, v. 2, 1962, p. 843-866..

CARDOSO, C.F.S. *A cidade-estado antiga*. São Paulo: Ática, 1987.

CHOURAQUI, A. *Jérusalem, une metropole spirituelle*. Paris: Bordas, 1981.

COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Ed. Américas, 1966.

DE VAUX, R. *Le istituzioni dell'Antico Testamento*. Trad. do fr. Marocco e Arcozzi. Turim: Marietti, 1972.

FOHRER, G. LOHSE, E. SIWN. IEROUSALHM, IEROSOLUMA, IEROSOLUMITHS. In: KITTEL, G. FRIEDRICH, G. *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1979, v.12, col. 287.

GESENIUS, W. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Trad. do al. Edward Robinson. Oxford: Clarendon Press, 1976.

GLOTZ, Gustave. *A cidade grega*. Trad. Henrique de Araújo Mesquita e Roberto C. de Lacerda. São Paulo: DIFEL, 1980.

GRANDES IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES. A Bíblia: terra, história e cultura dos textos sagrados, Madri: Edições do Prado 1996, v. 1.

HYPERBIBLE. Indianápolis: Beacon Technology, 1995.

SCHÜRER, E. *The history of the jewish people in the age of Jesus Christ*. Trad. do al. T.A. Burkill et al. Edinburgh: T. E. T. Clark Ltd, 1979, 2 v.

WRIGHT, A.G., MURPHY, R.E., FITZMEYER, J.A. Storia di Israele. In: *GRANDE COMMENTÁRIO BIBLICO*. Brescia: Queriniana, 1973, p. 1742.

Notas

¹Docente na Unesp - Assis

² COULANGES, Fustel de. *A cidade antiga*. Trad. Frederico O. P. de Barros. São Paulo: Ed. Américas, 1966; GLOTZ,

Gustave. *A cidade grega*. Trad. ? São Paulo: DIFEL, 1980.

³ CARDOSO, C.F.S. *A cidade-estado antiga*. São Paulo: Ática, 1987, p. 6.

⁴ZUNZ, O. História Urbana . In: BURGUIÈRE, A. *Dicionário das Ciências Históricas*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 759-765

⁵ Ver CHOURAQUI, A. *Jérusalem, une metropole spirituelle*. Paris: Bordas, 1981.

⁶ HYPERBIBLE. Indianápolis: Beacon Technology, 1995 (seguindo a King's James Version).

⁷ GRANDES IMPÉRIOS E CIVILIZAÇÕES. A Bíblia: terra, história e cultura dos textos sagrados, Madri: Edições do Prado 1996, v.1, p. 64.

⁸ BURROWS, M. Jerusalem. In BUTTRICK, G.A. (ed). *The Interpreters Dictionary of the Bible*. Nashville: Abingdon

⁹Tradução adaptada de A BÍBLIA DE JERUSALÉM, S.Paulo: Paulinas, 1985.

¹⁰ OESP, Internacional, A14, 29 ago 1996